

em crise. A virgindade teologal nasce com o Novo Testamento, com o cristianismo. Restaurá-la hoje, em meio ao neopaganismo, é acreditar no absoluto do Reino e profetizar contra os ídolos escravizantes do homem moderno.

d) O sexo, diz E. Fuchs, assume a função de Deus em nossa cultura, é adorado e dele se espera resposta para todas as necessidades dos homens. Já se escreveu que o "Ocidente é um Acidente" onde se opta pela facilidade e não pela fidelidade, onde o agradável é a verdade primeira, onde o narcisismo é o critério básico do existir. Semelhante ideologia só pode exorcizar a castidade, a renúncia, a sublimação e os demais valores.

e) A concepção virginal é um gesto divino, altamente significativo para uma sociedade que quer resgatar o valor do feminino e superar os ideais do machismo. Deus suscita a vida sem a força orgulhosa do poder machista e eleva o fraco, o oprimido. Deus faz maravilhas a partir da fraqueza, da humilhação, da fragilidade. Confunde os sábios e fortes. A glória de Deus se manifesta na impotência. A preferência de Deus pelos pobres torna-se clara e explícita na concepção virginal, pois ali acontece o maravilhoso encontro entre o poder de Deus e a pobreza humana. Dá-se a elevação do feminino e a desaprovação do machismo. É o início da "justiça erótica" que em nossos dias precisa ser defendida.

f) O cristão sabe que a virgindade é fecunda. Escreve L. Boff: "A virgindade cristá é maternal, gera filhos para o Reino". O Espírito cria uma nova ordem de fecundidade. Nasce uma nova concepção de família. O Reino é o valor absoluto.

g) Na analogia da fé, a virgindade de Maria é luz para o celibato, para a consagração religiosa, para a vivência cristá da castidade. Em outras palavras, a castidade é uma questão relacionada com o primeiro mandamento. Caberia lembrar novamente que não estamos fazendo uma apologia do hímen. Acima da virgindade corporal está a castidade moral. Bem escreveu o episcopado da Alemanha: "Todo aquele que após uma queda procurar levantar-se, reconhecendo seu processo de conversão, é uma pessoa casta". Uma castidade orgulhosa é mais impura que uma impureza humilde.

#### NOTAS

- (1) GOMES, C. F., *Riquezas da Mensagem Cristá*, Ed. Lumen Christi, RJ, 1981, p. 438-439.
- (2) Cf. Boff, L., *O rosto materno de Deus*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1979, p. 146.
- (3) Cf. Ratzinger, J., *Introduzione al Cristianesimo*, Queriniana, Brescia, 1969, p. 222.
- (4) Cf. VV. AA., *Maria no Novo Testamento*, Ed. Paulinas, SP, 1985, p. 83.
- (5) Brown, R. E., *A concepção virginal e a ressurreição corporal de Jesus*, Ed. Loyola, SP, 1987, p. 54-55.
- (6) Este versículo, porém, no singular, é atestado só por poucos manuscritos. Cf. Bíblia de Jerusalém, Ed. brasileira (Ed. Paulinas, SP) de 1981, modificada na Ed. de 1985.
- (7) Cf. Rahner, K., *Virginitas in Partu, Escritos de Teologia*, vol. IV, Taurus Ediciones, Madrid, 1963, p. 200.
- (8) Cf. Rahner, K., op. cit. p. 193.
- (9) Cf. Schillebeeckx, E., *Maria, Mãe da Redenção*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1968, p. 45.
- (10) Cf. Vallauri, E., *Virgindade de Maria*, art. in REB, junho-agosto 1974.
- (11) Gebara, I. e Bingemer, M. C. L., *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1987, p. 121.
- (12) Cf. Brown, R. E., op. cit., p. 55.
- (13) Cf. Müller, A., *Lugar de Maria e sua Cooperação no Acontecimento Cristo*, in *Mysterium Salutis*, vol. III, Tomo II, Ed. Cristiandad, Madrid, 1971, p. 481.
- (14) Cf. Rahner, K., op. cit. p. 199.

- (15) Gomes, C. F., *Riquezas da Mensagem Cristá*, Ed. Lumen Christi, RJ, 1981, p. 443.
- (16) Cf. VV. AA. *Maria no Novo Testamento*, Ed. Paulinas, SP, 1985, p. 61-64.
- (17) Schmaus, M., *Sacramentum Mundi*, Ed. Herder, Barcelona, 1972, vol. IV, col. 432-433.

Endereço do Autor:  
Seminário do ITESC  
Caixa Postal 5041  
88041 — FLORIANÓPOLIS — SC

## O CULTO DE MARIA NA LITURGIA

Pe. Walter Maurício Goedert  
Professor de Liturgia

### Introdução

"Digna de todo o louvor, santa mãe do Verbo, santíssima entre todos os santos, recebe nosso canto e nossa oferta, salva o mundo de todo o perigo; de todos os males e de todos os castigos futuros livra a nós que cantamos: Aleluia!". Assim termina o "AKÁTHISTOS", um dos hinos mais antigos que canta a maternidade divina de Maria, no mistério de Cristo e da Igreja, comum à Igreja Católica e à Igreja Ortodoxa de tradição bizantina.

De fato, as palavras proféticas de Maria "*Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada*" (Lc 1,48), se tornaram realidade em todas as épocas e em todas as nações. Lá onde o mistério de Deus é vivido e acolhido surgem maravilhas, porque o Todo-Poderoso faz grandes coisas, olhando para a humilhação de seus servos e estendendo sua misericórdia de geração em geração. "*Na verdade, Maria está unida a Cristo de um modo absolutamente especial; e é amada neste Filho muito amado, desde toda a eternidade, neste Filho consubstancial ao Pai, no qual se concentra toda a magnificência da graça*" (Redemptoris Mater — RM 8).

### I — A PRESENÇA DE MARIA NA LITURGIA

#### a) Um pouco da história

Desde o início da Igreja, Maria ocupa um lugar de destaque, tanto na Liturgia Oriental como na Ocidental. Constatamos sua presença nas Festas marianas, nas Orações Eucarísticas, nos hinos, na arte-sacra, na teologia dos Concílios e na vida da Igreja, em geral. Uma presença histórica, teologicamente refletida e liturgicamente celebrada, com conseqüências espirituais e pastorais.

Com empenho, o Concílio Vaticano II procurou esclarecer tanto a missão da Bem-Aventurada Virgem Maria no mistério do Verbo Encarnado e no Corpo Místico, como os deveres dos homens remidos para com a Mãe de Deus, Mãe de Cristo e dos homens, mormente dos fiéis (LG 54).

O documento de Puebla, por sua vez, insiste: "*Maria é verdadeiramente Mãe da Igreja. Marca o Povo de Deus.*" Paulo VI faz sua uma fórmula concisa da tradição: "*Não se pode falar da Igreja sem que esteja presente Maria*" (Marialis Cultus — MC 28). Trata-se de uma presença feminina, que cria o ambiente de família, o desejo de acolhimento, o amor e o respeito à vida. É presença sacramental dos traços maternais de Deus. É uma realidade tão profundamente humana e santa que desperta nos crentes as preces da ternura, da dor e da esperança (P 291).

## **A piedade popular se encarregou de divulgar o culto a Maria nas suas mais diferentes formas.**

A piedade popular se encarregou de divulgar o culto a Maria nas suas mais diferentes formas. Hoje, em nosso país, a Virgem Maria é invocada sob mais de cem títulos diferentes.<sup>(1)</sup>

A doutrina da Igreja foi sendo sistematizada, nos últimos tempos, através de vários documentos, dentre outros: Encíclicas de Leão XIII sobre o rosário de Nossa Senhora; Pio XII — Alocução às Congregações Marianas, 21/01/45; Constituição Apostólica sobre a Assunção de Nossa Senhora, 1950; Paulo VI — Encíclica "Christi Matri Rosarii", 15/09/66; Exortação Apostólica "Signum Magnum", 13/05/67; homilia sobre a doutrina e a piedade marianas, 02/02/65; carta ao seu legado para o Congresso Mariológico-Mariano de São Domingos, 02/02/65; recomendação do rosário: alocução na audiência pública de 21/09/66; Exortação Apostólica "Marialis Cultus", 02/02/74; Vaticano II, Lumen Gentium cap. VIII; Documento de Puebla; João Paulo II, Encíclica "Redemptoris Mater", 25/03/87; Coletânea de missas de Nossa Senhora, vol. I, Introdução Geral, 15/08/86.

### **b) O renovado interesse**

Embora a presença de Maria na liturgia (devoção mariana, culto mariano) seja tradicional, recentemente se elaborou uma reflexão teológica mais aprofundada.

Primeiramente, a Reforma Litúrgica do Vaticano II recoloca Maria no contexto do Ano Litúrgico: "A Reforma da Liturgia Romana pressupunha uma acurada restauração do Calendário Geral. Este, organizado de molde a dispor em determinados dias, com o devido relevo, a celebração da Obra da Salvação, distribuindo ao longo do ano todo o mistério de Cristo, desde a Encarnação até a expectativa de sua nova vinda gloriosa, permitiu que nela fosse inserida de maneira mais orgânica e com ligação mais íntima, a memória da Mãe, no ciclo dos mistérios do Filho" (MC 2).

Também a Sagrada Congregação para o Culto Divino, em sua "Coletânea de missas de Nossa Senhora", comenta, na Introdução Geral: "A Virgem Maria, por designio divino, em vista do mistério de Cristo e da Igreja, ingressou intimamente na história da salvação e participou ativamente, de diversas maneiras, nos mistérios da vida de Cristo" (nº 5).

Em segundo lugar, tanto o Concílio Vaticano II (LG cap. VIII) como a Exortação Apostólica "Marialis Cultus" entenderam Maria na dimensão trinitária, com especial relação a Cristo e à Igreja: "É de máxima conveniência, antes de mais nada, que os exercícios de piedade para com a Virgem Maria exprimam, de maneira mais clara, a característica trinitária e cristológica que lhes é intrínseca e essencial. O culto cristão é, de fato, por sua natureza, culto ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo... É necessário, pois, que os exercícios de piedade com que os fiéis exprimem sua veneração para com a Mãe do Senhor, manifestem, de modo mais claro, o lugar que ela ocupa na Igreja... um lugar que, nos edifícios culturais do Rito Bizantino, tem sido expresso plasticamente... Assim, o simbolismo com que o edifício cultural exprime o lugar de Maria no mistério da Igreja encerra uma indicação fecunda e constitui um auspício para que, por toda parte, as várias formas de veneração à bem-aventurada Virgem Maria se abram para perspectivas eclesiais" (MC 25 e 28).

Em terceiro lugar, se acentua a dimensão antropológica do culto a Maria e sua relação com o homem moderno: "No culto à Santíssima Virgem devem ser tidas em atenta consideração também as aspirações seguras e comprovadas das ciências humanas; isso concorrerá, efetivamente, para que seja eliminada uma

das causas de perturbação que se notam nesse mesmo campo do culto à Mãe do Senhor, quer dizer, aquele desconcerto entre certos dados desse culto e as hodiernas concepções antropológicas e a realidade psicossociológica, profundamente mudada, em que os homens do nosso tempo vivem e operam. Observa-se, na realidade, que é difícil enquadrar a imagem da Virgem Maria, conforme resulta de certa literatura devocional, nas condições de vida da sociedade contemporânea e, em particular, nas da mulher" (MC 34).

João Paulo II, por sua vez, vê Maria como um modelo de fé na caminhada da humanidade: "Precisamente ao longo dessa caminhada-peregrinação eclesial, através do espaço e do tempo e, mais ainda, através da história das almas, Maria está presente como aquela que é 'feliz porque acreditou', como aquela que avançava na peregrinação da fé, participando como nenhuma outra criatura, no mistério de Cristo" (RM 25).

## **a Liturgia se torna, por excelência, a expressão eclesial de culto a Maria**

A Reforma atual trouxe à luz textos antigos da Patrística sobre Maria, enriquecendo, sobremaneira, a verdadeira tradição. O novo leitmotiv apresenta Maria como modelo da Igreja, em sua dimensão de culto (MC 16), na escuta da palavra (MC 17), na oração (MC 18), na oferta (MC 20), na maternidade espiritual (MC 19), no horizonte da história da salvação (RM 3), na peregrinação da fé (RM 5), na unidade de todos os cristãos (RM 29), na realização escatológica da Igreja (RM 6) e na celebração do culto eclesial (MC 21; 56-57). Por isso, a Liturgia se torna, por excelência, a expressão eclesial de culto a Maria, embora existam outras devoções marianas.

### **c) Fundamento teológico da presença de Maria na Liturgia**

Uma perspectiva teológica mais completa da presença de Maria na Liturgia é recente; tradicionalmente, se restringia à consideração da sua maternidade divina. Alguns documentos do Vaticano II abordam explicitamente a figura de Maria (LG 50; 66-67; UR 15; SC 103). Diz a Sacrosanctum Concilium: "Nesta celebração anual dos mistérios de Cristo, a Santa Igreja venera com especial amor a Bem-Aventurada Mãe de Deus Maria, que por um vínculo indissolúvel está unida à obra salvífica de Seu Filho; nela admira e exalta o mais excelente fruto da Redenção e a contempla com alegria como puríssima imagem daquilo que ela mesma anseia e espera ser" (SC 103).

O documento de Puebla vê Maria como Mãe e modelo da Igreja (282-293), modelo também para a vida dos homens (294-297), bendita entre todas as mulheres (298-299), modelo de serviço eclesial na América Latina (300-303): "Deus se fez carne por meio de Maria, começou a fazer parte de um povo, constituiu-o centro da história. Ela é o ponto de união entre o céu e a terra. Sem Maria desencarna-se o Evangelho, desfigura-se e transforma-se em ideologia, em racionalismo espiritualista" (P 301). Puebla considera Maria como realização mais eminente da evangelização (282, 333), Mãe da nova vida (288), colaboradora ativa na redenção (293), serva dos homens (294), garantia da grandeza feminina (299), exemplo para a mulher (844) e modelo da vida consagrada (745).

A Exortação Apostólica "Marialis Cultus" sublinha duas dimensões: a presença de Maria na Liturgia Romana renovada e a exemplaridade de Maria para a Igreja, no exercício do culto divino: "A reforma pós-conciliar, como já figurava entre os votos do Movimento Litúrgico, considerou a Virgem Maria com uma perspectiva adequada no mistério de Cristo e, em sintonia com a tradição, reconheceu-lhe o lugar singular que lhe compete

no culto cristão, qual santa Mãe de Deus, e enquanto digna cooperadora do Redentor" (MC 15).

## II — DESENVOLVIMENTO DA PRESENÇA DE MARIA NA LITURGIA

A Liturgia antiga se serviu dos textos marianos do Novo Testamento (Lc 1,46-55), dos escritos dos Padres e das afirmações dos Concílios. Um dos textos mais antigos é a homilia de Páscoa de Mélio de Sardes (segunda metade do século II). Afirma: "Ele — Cristo — desceu do céu à terra em favor da humanidade sofredora; revestiu-se de nossa humanidade no seio da Virgem e nasceu como homem. . . Ele é aquele que se encarna no seio da Virgem. . . Ele é o Cordeiro que não abre a boca, Ele é o Cordeiro morto, Ele nasceu de Maria, ovelha sem mancha".<sup>(2)</sup>

Hipólito de Roma cita Maria em sua "Tradição Apostólica", no contexto da Oração Eucarística (atual Oração Eucarística nº 2) e por ocasião da profissão batismal (Cf. Trad. Apost. 13 e 51).

### *A partir do Concílio de Éfeso (431) ocorre uma verdadeira explosão do culto mariano*

A partir do Concílio de Éfeso (431) ocorre uma verdadeira explosão do culto mariano, com o surgimento de festas e expressões artísticas diversas nos hinários e na arte-sacra em geral. A arqueologia testemunha antiqüíssimo culto a Maria, Mãe do Messias, em lugares como Nazaré e Belém. Surgem também muitos textos apócrifos sobre a vida de Maria (Proto-evangelho de Tiago; Odes de Salomão; Oráculos Sibilinos). Ao século III pertence, certamente, uma das primeiras invocações a Maria como Mãe de Deus (THEOTOKOS), conhecida, no Ocidente, como a invocação "Sub tuum praesidium". O "Epitáfio de Albérico" (séc. II-III) une simbolicamente a Eucaristia à Virgem: "Por toda parte onde a fé serviu de guia e em qualquer lugar onde obteve por alimento o peixe da fonte. . . puro como a pura Virgem, tomou e deu aos amigos para comer, distribuindo vinho excelente misturado com pão".<sup>(3)</sup>

Maria está ainda presente nas catacumbas (Santa Priscila), nas homilias dos Padres, no Cãnon Romano. A memória vai se firmando no contexto do Ano Litúrgico. No século II, a Natividade é celebrada no Egito, em algumas seitas gnósticas. Esta celebração se transformará na festa da Epifania do Oriente; no Ocidente, na festa do Natal do Salvador. Segue a festa de Maria Mãe de Deus celebrada no Egito, provavelmente antes do século IV. O documentário "Peregrinação de Etéria", que descreve a vida litúrgica na Jerusalém do século IV, faz referência às festas da Epifania e da Apresentação do Senhor. Surgem, igualmente, as festas da Anunciação do Senhor e do "domingo mariano", antes do Natal.

O Concílio de Éfeso influenciou sobremaneira o desenvolvimento do culto mariano. A proclamação do dogma da Maternidade Divina de Maria foi decisiva para a presença de Maria na Liturgia, tanto nos textos eucológicos (orações) como nos hinários. A este período pertence, como já vimos, um dos hinos mais conhecidos, dedicados à Mãe de Deus: AKÁTHISTOS (século V — VI). Logo após a proclamação de Éfeso, encontramos em Jerusalém a memória de Maria celebrada em 15 de agosto. No Ocidente, se desenvolve a comemoração de Maria no Advento. Em Roma, a mais antiga memória da Mãe de Deus surgiu após o Natal. No Oriente, se difundiu a celebração da Anunciação, em torno de 25 de março.

A partir do século VI, apareceram novas celebrações: A Dormição de Maria, Natividade de Maria, Apresentação de Maria no Templo e a Conceção de Maria. Pelo século XI, na Inglaterra, surgiu a festa da concepção Virginal de Maria, mas não foi acolhida logo em toda a parte.

A memória de Maria encontra lugar privilegiado nas Orações Eucarísticas, nos hinos e particularmente no contexto do Ano Litúrgico. No Ocidente vai surgindo uma devoção mariana semanal, aos sábados. Em algumas Liturgias Orientais, esta comemoração mariana semanal é celebrada às quartas-feiras. Tanto no Oriente como no Ocidente nasceram "períodos marianos" repletos de celebrações litúrgicas e de devoções.

Recapitulando a história: a memória de Maria está inteiramente relacionada com o memorial de Cristo, particularmente com o mistério da Encarnação. De outra parte, esta memória se exprime ainda melhor nos momentos centrais da Liturgia (Orações Eucarísticas e Profissão de Fé batismal).

## III — MARIA NAS CELEBRAÇÕES ATUAIS DA LITURGIA ROMANA

A memória de Maria no ritual do batismo é bastante discreta: é invocada como Mãe de Deus nas Ladainhas dos Santos e mencionada na Profissão de Fé. Os Padres da Igreja colocam em evidência a relação entre maternidade de Maria e maternidade da Igreja, no ritual do batismo (MC 19).

No sacramento da Crisma, a única referência a Maria se encontra na Profissão de Fé. O Concílio lembra, no entanto, a atitude de Maria em Pentecostes (LG 59; Cf. tb. MC 26-28).

Na celebração eucarística, tanto nas Orações Eucarísticas como nos hinos e demais textos eucológicos, se confere amplo espaço a Maria. Atualmente, dispomos da "Coletânea de Missas de Nossa Senhora", apresentada pela Congregação para o Culto Divino. Na Introdução Geral, após citar textos do Vaticano II, se põe em evidência a figura de Maria na celebração do mistério de Cristo e se recorda sua obra em favor da salvação dos homens, particularmente por seu exemplo: "Por isso, a Igreja, na Sagrada Liturgia, convida os fiéis à imitação da Santíssima Virgem Maria, principalmente por causa da fé e obediência com que aderiu amorosamente ao designio de salvação" (nº 16).

Nos demais sacramentos, as referências a Maria são sóbrias; o mesmo ocorre nos demais livros litúrgicos. A Liturgia das Horas, no entanto, contém excelentes testemunhos da piedade para com Maria. O Lecionário tem procurado apresentar, de modo abundante, os vários aspectos de Maria, particularmente o novo Lecionário, há pouco aprovado e publicado pela Congregação para o Culto Divino (Lecionário para Missas de Nossa Senhora). Na Introdução Geral, faz a seguinte observação: "A Liturgia Romana, por isso, quando admoesta os fiéis a acolher a palavra de Deus, muitas vezes lhes apresenta o exemplo da Bem-Aventurada Virgem Maria, que Deus tornou atenta à sua palavra, e ela — nova Eva — obediente à palavra divina, se mostrou dócil às palavras do Filho" (nº 9).

## IV — MARIA NO CONTEXTO DO ANO LITÚRGICO

A Igreja celebra o mistério de Maria no transcorrer de todo o Ano Litúrgico. Não temos, evidentemente, um ciclo mariano autônomo e nem teria sentido. Maria, no entanto, é lembrada de modo especial naquelas festas e solenidades do Senhor que têm especial relação com ela. Em seguida, existem as memórias, festas e solenidades propriamente marianas. Enfim, as memórias marianas que se originam de uma idéia, ou de uma tradição eclesial.

Esta presença de Maria no Ano Litúrgico pode ser analisada em três livros da Liturgia renovada pelo Concílio: o Missal Romano, para os textos eucológicos das missas; o Lecionário, para a Liturgia da Palavra; a Liturgia das Horas, para outros elementos da oração eclesial (leituras bíblicas, patrísticas, hinos, antifonas, preces e intercessões). A Exortação Apostólica "Marialis Cultus" oferece um panorama bastante completo do conteúdo teológico existente nos textos (Cf. nn. 2-13).

Em resumo:

*a) No tempo do Advento*

Todo o Advento se reveste de uma típica característica mariana (MC 3; LG 55), nas leituras, antifonas, formulários de missas, invocações, etc. Maria se apresenta inteiramente voltada para o Senhor, na obediência da fé e na esperança mais profunda.

*b) No tempo do Natal*

É evidente a riqueza dos conteúdos marianos deste tempo litúrgico (MC 6). Além da festa do Natal, temos a da Sagrada Família e a Solenidade da Mãe de Deus. A Epifania mostra Maria como a "sede da sabedoria" e a "Mãe do Rei". A festa da Apresentação do Senhor mantém estreita relação com o tempo do Natal.

*c) No tempo da Quaresma e da Páscoa*

Nesse período é bem discreta a presença de Maria nos textos litúrgicos. O motivo é evidente: abrir espaço para ressaltar o mistério pascal de Jesus Cristo: "Mediante a fé, a Mãe participa da morte do Filho, da sua morte redentora; mas, bem diferente da fé dos discípulos, que se davam à fuga, a fé de Maria era muito mais esclarecida. Sobre o Gólgota, Jesus confirmou definitivamente, por meio da cruz, ser o 'sinal de contradição' predito por Simeão. Ao mesmo tempo cumpriam-se as palavras dirigidas pelo mesmo Simeão a Maria: 'E tu mesma terás a alma transpassada por uma espada'" (RM 18).

*d) No tempo comum*

Além dos textos da Liturgia das Horas, comuns a todo o Ano Litúrgico, temos as memórias de Maria, aos sábados. No ciclo do santoral, Maria ocupa um lugar privilegiado como modelo do seguimento a Cristo. "O Redentor confia sua mãe ao discípulo e, ao mesmo tempo, dá-lha como mãe. A maternidade de Maria que se torna herança do homem é um dom: um dom que o próprio Cristo faz a cada homem pessoalmente. . . E uma vez que Maria lhe foi dada pessoalmente a ele como mãe, a afirmação indica, embora indiretamente, tudo o que exprime a relação íntima de um filho com a mãe. E tudo isto pode encerrar-se na palavra 'entrega'. Entrega é a resposta ao amor duma pessoa e, em particular, ao amor da mãe" (RM 45).

## V — ORIENTAÇÕES TEOLÓGICO-PASTORAIS

A Liturgia, como síntese da doutrina e do culto, contém a confissão de fé da Igreja no mistério de Maria (MC 15 e 56). Apresenta, pois, um justo equilíbrio entre o culto a Cristo Senhor e o que se traduz em especial veneração a sua Mãe: "A função maternal de Maria para com os homens de modo algum obscurece ou diminui esta única mediação de Cristo; mas até manifesta qual a sua eficácia: é uma mediação em Cristo" (RM 38).

*Todas as outras formas de veneração e de devoção a Maria devem convergir para a liturgia*

Na liturgia encontramos, a nível da fé professada e vivida, uma regra de ouro para com toda a piedade cristã, mas também a fonte e o cume, a escola e a experiência mística de nossa comunhão com a Mãe de Deus. Todas as outras formas de veneração e de devoção a Maria devem convergir para a liturgia e nela se fundamentar ou dela proceder (MC 23).

De outra parte, na liturgia, isto é, nos seus conteúdos doutrinários e nas suas atitudes de culto, encontramos um critério válido de discernimento para evitar todos aqueles exageros devocionais que surgem sempre de novo, como demonstra a história.

Maria torna-se modelo para a Igreja, quer no culto, quer no serviço (SC 103; MC 16-23; RM 42). Maria, modelo da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, na participação íntima no mistério do Espírito. Maria aparece como Virgem na escuta de Deus, modelo para a Igreja que escuta, medita e acolhe, vive e proclama a Palavra que nela se encarnou (RM 14). De Maria, a Virgem em oração, podemos imitar sua atitude de oração eclesial. Da Virgem oferente, no Templo e no Calvário, a Igreja aprende a oferecer diariamente a sua oferta no Cristo, única Oferta agradável ao Pai.

Maria Mãe é modelo daquela cooperação ativa com a qual também a Igreja colabora através da pregação e dos sacramentos (MC 19; RM 42-43). Enfim, como a liturgia tem por finalidade a glorificação de Deus e a santificação dos homens (SC-7), coincide com a missão materna de Maria como "nova mulher" que reflete a glória de Deus (MC 57; RM 38-39).

A Igreja, ao celebrar os divinos mistérios, deve se espelhar em Maria, modelo de fé, esperança, caridade, pureza, modelo de empenho e de perseverança na oração. A liturgia torna-se, portanto, o centro e o cume também da devoção mariana (MC 15). Permanece, pois, e é importante princípio de pastoral, a exortação de Paulo VI: "uma ação pastoral esclarecida deve, de uma parte, distinguir e sublinhar a natureza própria dos atos litúrgicos; de outra parte, valorizar os exercícios de piedade para adaptá-los às necessidades de cada uma das comunidades eclesiais" (MC 31).

## CONCLUSÃO

Maria, a discípula perfeita no seguimento de seu Filho, pode perfeitamente nos ajudar no seguimento do único Mestre, Jesus Cristo. Nela brilha como imagem a futura glória da Igreja. Por isso, podemos proclamar com a liturgia: "Senhor, destes à vossa Igreja a Virgem Maria como imagem puríssima de encargo materno e de glória futura; pela integridade de fé ela foi Virgem ilustre; pelo indissolúvel vínculo de amor foi esposa, unida a Cristo e associada à sua paixão; Mãe fecunda pela ação misteriosa do Espírito Santo, solícita pelo bem de todos os homens; rainha ornada de jóias das virtudes, vestida de sol e coroada de estrelas, consorte para sempre da glória do seu Senhor."<sup>(4)</sup>

### Notas Bibliográficas

- (1) Cf. Megale, Nilza B., *Cento e doze Invocações da Virgem Maria no Brasil*, Ed. Vozes, 1986.
- (2) Cf. *Nuovo Dizionario di Liturgia*, Ed. Paoline, Roma, 1983, p. 1558.
- (3) Cf. *ibidem*, p. 1559.
- (4) Prefácio da Missa da Bem-aventurada Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja, III.

Endereço do Autor:  
Seminário do ITESC  
C. Postal 5041

88041 — FLORIANÓPOLIS — SC